



## EXPRESSÕES AFETIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL

*Bruno de Oliveira Sales Mota<sup>1</sup>*

*Geandra Cláudia Silva Santos<sup>2</sup>*

### RESUMO

A Educação Infantil possui extrema importância como primeira etapa da Educação Básica, sendo grandemente prejudicada pela pandemia da covid-19. Diante disso, este trabalho objetiva investigar as expressões afetivas de professoras da Educação Infantil da rede de ensino público de um município cearense, no retorno às atividades presenciais após o período de isolamento pandêmico da covid-19. Trata-se de um Estudo de Campo de abordagem qualitativa, desenvolvido com dez professoras de Educação Infantil. Como resultados, percebeu-se por parte das professoras: uma coexistência de emoções e sentimentos diversos em relação ao retorno do ensino presencial; reflexões de caráter filosófico ou religioso sobre o sentido da vida, oriundas do período pandêmico; percepção de uma maior valorização da figura do professor por parte da família após o isolamento; conflito entre a natureza educativa da Educação Infantil e as limitações impostas pela covid-19; entendimento do domínio das tecnologias como momento de aprendizagem e superação profissional.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Ensino Remoto Emergencial. Modelo Educacional Presencial. Pandemia. Afetividade.

### AFFECTIVE EXPRESSIONS OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS ON RETURNING TO FACE-TO-FACE TEACHING

#### Abstract

Early Childhood Education is extremely important as the first stage of Basic Education, being greatly affected by the covid-19 pandemic. In view of this, this objective work investigates the affective expressions of teachers of Early Childhood Education in the public education network of a municipality in Ceará, in the return to face-to-face activities after the period of pandemic isolation of covid-19. This is a Field Study with a qualitative approach, developed with ten Early Childhood Education teachers. As a result, one can see on the part of the teachers: a coexistence of emotions and different feelings in relation to the return of face-to-face teaching; philosophical or

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação (UECE). Especializações em Educação Inclusiva (UNIMES) e Psicologia e o Desenvolvimento Infantil (Faculdade Metropolitana). Graduação em Pedagogia (UECE). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0864-8974>. E-mail: [oliveira.mota@uece.br](mailto:oliveira.mota@uece.br)

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Educação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília (UNB). Mestrado em Educação Especial (UECE). Graduação em Pedagogia. Professora adjunta na UECE. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7782-6316>. E-mail: [geandra.santos@uece.br](mailto:geandra.santos@uece.br)

religious reflections on the meaning of life, arising from the pandemic period; perception of greater appreciation of the figure of the teacher by the family after isolation; conflict between the educational nature of Early Childhood Education and the limitations imposed by covid-19; understanding of the domain of technologies as a moment of learning and professional overcoming.

**Keywords:** Child Education. Emergency Remote Teaching. On-site Educational Model. Pandemic. Affectivity.

## EXPRESIONES AFECTIVAS DE LAS MAESTRAS DE EDUCACIÓN INFANTIL EN SU REGRESO A LAS AULAS

### RESUMEN

La Educación Infantil es extremadamente importante como primera etapa de la Educación Básica y ha sido muy afectada por la pandemia del covid-19. Frente a esto, este estudio tiene como objetivo investigar las expresiones afectivas de los profesores de Educación Infantil de la red pública de enseñanza de un municipio de Ceará, en su retorno a las actividades presenciales después del período de aislamiento de la pandemia de covid-19. Se trata de un estudio de campo con abordaje cualitativo, realizado con diez profesores de Educación Infantil. Los resultados mostraron que los profesores tenían: diferentes emociones y sentimientos sobre el retorno a la enseñanza presencial; reflexiones filosóficas o religiosas sobre el sentido de la vida, derivadas del período de pandemia; percepción de mayor valoración de la figura del profesor por parte de la familia después del aislamiento; conflicto entre el carácter educativo de la Educación Infantil y las limitaciones impuestas por el COVID-19; y comprensión del dominio de las tecnologías como momento de aprendizaje y perfeccionamiento profesional.

**Palabras clave:** Educación Infantil. Teleenseñanza de Emergencia. Modelo educativo presencial. Pandemia. Afectividad.

### 1 INTRODUÇÃO

As pessoas necessitam se relacionar em sociedade para o desenvolvimento dos aspectos que as caracterizam como seres humanos. Compreende-se com esse pressuposto que a humanidade não é inata ao indivíduo, ela é desenvolvida em um contexto histórico e cultural, envolvendo relações sociais e afetivas.

Na esteira deste pensamento, reconhece-se a importância da educação para o processo formativo de seres humanos. Charlot (2006) corrobora esse pressuposto, afirmando que a educação se constitui um processo de humanização, socialização e entrada numa cultura. Em semelhante perspectiva, Saviani e Duarte (2021, p. 36) afirmam: “Pode-se

considerar como consensual a definição da educação como formação humana”.

Diante dessas reflexões, o que se pretende destacar é a relação entre humanidade e educação. É importante ressaltar que a educação acontece em diversos lugares, podendo-se falar, na verdade, de educações, em vez de educação (BRANDÃO, 2006).

Em meio a tantas possibilidades educativas, a presente análise se debruça sobre a educação que ocorre no âmbito das escolas, a qual Libâneo (2005) denomina de educação formal e que se caracteriza por práticas educativas com elevados graus de intencionalidade, sistematização e institucionalização. Reforça-se, ademais, que a educação formal sempre encontrou no modelo presencial sua principal via de desenvolvimento e manifestação.

Contudo, no dia 11 de março de 2020, uma notificação da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre uma doença infecciosa de alcance global estava prestes a reformular essa configuração educacional. O convívio humano, com suas partilhas e experiências presenciais, foi cerceado pelo SARS-CoV-2 (Novo Coronavírus) que desencadeou a pandemia da covid-19. Um vírus mutante e imprevisível que, inclusive, pode infectar a mesma pessoa com duas variantes (coinfecção) e trocar ácido ribonucleico (RNA), gerando um vírus híbrido (VERSIGNASSI, 2020).

O isolamento social se tornou a nova orientação sanitária e todos os âmbitos da sociedade foram conduzidos ao enclausuramento. O ser humano sentiu o impacto de se afastar das relações sociais em âmbito presencial. É nesse contexto que a educação em modelo presencial é redirecionada para o ensino remoto emergencial (ERE)<sup>3</sup>.

Professores e estudantes precisaram se adequar, sem a formação e os recursos necessários, a essa nova forma de educar imposta pela pandemia que começava a ceifar vidas em vários países. O resultado é uma

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, ERE será compreendido como um conjunto de atividades síncronas e assíncronas que permitem, sem apoio pedagógico ou estrutura adequada, a transposição de aulas presenciais para virtuais (ESTEVAO *et al.*, 2021).

“digitalização” das aulas presenciais em vídeos de longa duração, compartilhamento de apresentações em PowerPoint e de aulas e textos online que seriam indicados para leitura no formato presencial (ESTEVÃO *et al.*, 2021).

Logo, ao se tomar consciência dos efeitos nefastos da pandemia, percebe-se a dimensão dos desafios que seriam impostos à educação e, em particular, à Educação Infantil — hoje, compreendida como a primeira etapa da Educação Básica, atendendo crianças de 0 a 5 anos (BRASIL, 2020), constituída como um direito consolidado na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Ademais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) definem as interações e as brincadeiras como os eixos estruturantes das práticas pedagógicas nessa etapa da educação (BRASIL, 2009). Tal perspectiva é corroborada na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que também reforça a importância da vinculação entre as dimensões do cuidar e do educar nesta etapa (BRASIL, 2018).

Imbuída dessas atribuições, mas arrebatada pelo cenário desenhado na pandemia, a Educação Infantil é encurralada em uma posição desafiadora: cuidar e educar crianças em seus primeiros anos de vida, contudo, sem o necessário contato presencial e sem os recursos necessários para essa tarefa. Não demorou para que fossem lançadas luzes sobre as acentuadas discrepâncias econômicas e sociais da sociedade brasileira, que se agravaram no período pandêmico.

A exclusão foi ressaltada pela pandemia e uma de suas facetas, a exclusão digital, ganhou destaque devido à dificuldade de muitos professores e estudantes no acesso a recursos necessários ao ERE (celular, computador e internet), assim como problemas de domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC) (GESTRADO/UFMG, 2020; FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2020; UNDIME, 2021).

Ao mesmo tempo, docentes e discentes tentavam sobreviver ao vírus e às consequências geradas pela desastrosa condução do Governo Federal da época, que resultou em milhares de mortes em meio a crise sanitária —

atualmente, são mais de 700 mil casos de óbitos por covid-19 confirmados no país (BRASIL, 2023).

Atravessado o período de severo isolamento e ERE, o ensino híbrido<sup>4</sup> é apresentado como possibilidade de retorno gradativo ao modelo presencial em algumas realidades do país. Buscava-se com ele evitar grandes aglomerações nas escolas e facilitar a supervisão dos aspectos sanitários — necessários para que a educação acontecesse de forma minimamente segura.

Após um tardio, porém vasto processo de vacinação da população, o retorno às aulas presenciais se redesenha. Além das preocupações de caráter sanitário, há também a necessidade das preocupações pedagógicas no planejamento do retorno às aulas. Esse momento vivenciado em sociedade, afeta de forma diferenciada os envolvidos no âmbito educacional.

Logo, os processos de ensinar e aprender, nesse contexto de incertezas e inseguranças, fizeram emergir ou se intensificar diversos desafios. Como exemplos, podem ser destacados: dificuldades nos aspectos relacionais entre a família e a escola; comprometimento do processo de aprendizagem dos estudantes; precarização do trabalho docente; ausência de estrutura, domínio e formação no que se refere às TDIC; problemas de ordem emocional (SILVA; NETO; SANTOS, 2020; SOUZA, 2020; BARROS; VIEIRA, 2021; SOUZA; RAMOS, 2023).

Os professores e os estudantes não estão livres da influência das emoções e sentimentos que permeiam este momento incerto. O que reforça a compreensão de que o processo educativo não se caracteriza apenas por aspectos cognitivos, mas também afetivos, sociais, dentre outros (VIGOTSKI, 2004; WALLON, 2007; MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017).

Diante deste panorama, as expressões afetivas dos professores no retorno às aulas presenciais em escolas de Educação Infantil são o objeto de estudo da presente pesquisa. Foi elaborada, então, a seguinte interpelação:

---

<sup>4</sup> Um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, e, pelo menos em parte, em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013).

quais expressões afetivas os professores de Educação Infantil apresentaram no contexto do retorno ao modelo de educação presencial?

A partir deste questionamento, o objetivo deste trabalho é investigar as expressões afetivas de professoras da Educação Infantil da rede de ensino público de um município cearense, no retorno às atividades presenciais, após o período de isolamento social causado pela pandemia da covid-19.

Afetividade é um conceito amplo, atravessado por diversos aspectos e estudado em diferentes perspectivas. Neste trabalho, será adotada a ideia de afetividade como tudo aquilo que afeta o ser humano; seja a partir de fontes endógenas ou exógenas ao indivíduo. E por expressões afetivas, se entenderá duas de suas principais manifestações: os sentimentos e as emoções, estudados na ação sobre o meio humano, compreendendo seu caráter fundamentalmente social (VIGOTSKI, 1998; WALLON, 2007, 2015).

A produção de informações sobre o impacto da pandemia neste atual momento é fundamental para que se possa analisar o presente contexto educacional e as demandas que essa nova realidade reclama para si. Conhecer estas influências é uma forma de colaborar com o desenvolvimento e o trabalho dos indivíduos que se encontram nas escolas; garantindo o direito à educação, intrinsecamente entrelaçado aos direitos à saúde, à proteção e à vida.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é fundamentada em uma abordagem qualitativa, pois se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). Ademais, o tipo de estudo aqui adotado se caracteriza como Estudo de Campo, que procura o aprofundamento de uma realidade específica, buscando captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade (GIL, 2008).

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2021, na rede pública de ensino de um município do estado do Ceará, em duas escolas de Educação Infantil, com um total de 10 participantes. Todas as participantes eram professoras e

aqui serão identificadas pela letra “P” (como abreviação da palavra professora) acompanhada por um número de 01 a 10 (P1 a P10). Os números são escolhidos de forma fortuita, sem indicar nenhum tipo de seriação.

As professoras participantes estavam contribuindo com uma atividade de pesquisa e prática pedagógica, integrante da disciplina Campos de Experiência da Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em um *campus* do interior do estado, no sertão cearense. As professoras acolheram, em suas respectivas salas, os universitários para desenvolverem observação de suas práticas pedagógicas, breves momentos de atuação na aula de modo cooperativo e, por fim, a aplicação de um questionário. Ao longo da atividade de pesquisa e prática pedagógica, e por ocasião de seu encerramento, as experiências e dados que os estudantes do curso obtiveram foram apresentados e discutidos durante as aulas na universidade, tendo em vista o caráter de práxis educacional que deve atravessar o processo formativo dos futuros professores.

Neste estudo, para compor o *corpus* de análise, utilizou-se os dados obtidos por meio de um questionário respondido pelas professoras da Educação Infantil das duas escolas. O instrumento era composto por cabeçalho explicativo da pesquisa e seu objetivo, perfil das participantes e seis questões abertas, a fim de permitir sua livre expressão sobre as percepções que elas apresentavam acerca do retorno ao modelo educacional presencial. O questionário foi entregue pelos universitários de forma digital (via e-mail), assim como foi respondido e entregue virtualmente pelas professoras.

Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceitando participar da pesquisa. As escolas envolvidas autorizaram o desenvolvimento da pesquisa mediante acordo anterior entre a Universidade e as referidas instituições, assim como a entrega das Cartas de Apresentação dos universitários que desenvolveram a atividade.

As duas escolas que se constituíram campo de pesquisa deste trabalho recebem simultaneamente um público de creche (0 a 3 anos de idade) e pré-escola (4 a 5 anos de idade), em caráter de jornada integral, que, por lei,



equivale a uma carga horária com duração igual ou superior a sete horas diárias (BRASIL, 2009). As escolas encontram-se situadas em bairros de comunidades carentes, na sede do município em questão e integram a rede de ensino público.

A análise dos dados se deu de acordo com as orientações de Gil (2008) para o desenvolvimento de um Estudo de Campo: redução dos dados; categorização dos dados e a interpretação dos dados.

Por meio da análise, se chegou às seguintes categorias: a) coexistência de emoções e sentimentos diversos por parte das professoras como expressão afetiva no retorno ao modelo educacional presencial; b) desenvolvimento de reflexões de caráter filosófico e religioso sobre o sentido da vida, oriundas do período de isolamento pandêmico; c) dilema constante procedente da relação entre as características educacionais da Educação Infantil e as limitações impostas pela covid-19; d) percepção das professoras de uma maior valorização de seu trabalho por parte da família e sociedade, após o momento pandêmico; e) afetividade envolvida no uso das TDIC pelas professoras em suas prática pedagógicas, como momento de aprendizagem e superação profissional.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia pode ser caracterizada como um evento histórico com forte implicação emocional, vivenciado pelas pessoas de modo muito singular. Por conseguinte, vencido o período de isolamento e com o retorno gradativo às escolas, seria ilusório imaginar que o conjunto de afetos enleados ao estado de isolamento pandêmico poderia ser abruptamente encerrado e, logo, substituído por um novo momento afetivo livre das marcas subjetivas vivenciadas anteriormente.

De conformidade com essa reflexão, e a partir da análise dos dados que emergiam das respostas das participantes, formulou-se como uma das categorias nesta pesquisa a **coexistência de sentimentos e emoções diversos por parte das professoras como expressão afetiva no retorno ao modelo educacional presencial**.



As respostas das participantes, no que se refere ao que sentiam quanto ao retorno às aulas presenciais, estão longe de se constituírem simples e uniformes. Seguem alguns binômios presentes nas respostas das professoras: Feliz e Receosa (P1); Gratidão e Receio (P7); Satisfação e Receio (P8). Todas as respostas se expressaram, em alguma medida, nesse sentido dúbio que pode ser resumido neste trecho da resposta de P3: *“Confesso que, quando estávamos nos preparando para o retorno, era uma mistura de sentimentos [...]”*.

É impreterível o esclarecimento de que não se pretende aqui classificar as expressões afetivas das participantes, em uma inadequada perspectiva de valoração —análise que se toma emprestada da perspectiva de Wallon (2015). Apenas se demonstra a diferença entre elas, sua variedade e formas distintas de manifestação. Como se pode perceber pelos binômios presentes nas respostas das participantes, havia um conflito interno abrigado no que as professoras sentiam em relação ao retorno do modelo educacional presencial.

Apenas duas participantes descreveram expressões afetivas menos conflitantes no conteúdo de suas respostas: *“Com mais sensibilidade para os novos desafios e com esperança de dias melhores”* (P5); *“Estamos muito felizes com esse retorno, é sinal de que a pandemia está acabando, que a vida tá voltando ao normal [...]”* (P9).

Esta última fala abre uma possibilidade de discussão interessante. Percebe-se nas respostas das participantes uma ausência de concordância quanto ao fim da pandemia: *“[...] a pandemia ainda não acabou e que a população não foi 100% vacinada”* (P2); *“[...] visto que a pandemia não acabou”* (P10).

De acordo com os trechos das respostas acima, percebe-se que algumas professoras buscam acreditar no fim da pandemia e nutrem esperanças de que vida retorne à normalidade — ideia alimentada pelo retorno ao modelo presencial. Contudo, outras destacam claramente sua preocupação com as aglomerações no retorno das pessoas ao interior das escolas, temendo pela saúde dos envolvidos.

A existência de sentimentos múltiplos e diversos coexistindo na mesma pessoa reflete muito do movimento dialético e complexo da vida, em sua dimensão subjetiva. Isso também ocorre nas relações entre diferentes pessoas, que podem estar em uma mesma situação, desempenhando o mesmo papel. Cada indivíduo se relaciona de maneira diferente com esse momento histórico e cultural em espaços sociais como a escola. Trata-se de uma complexa integração simbólico-emocional vivenciada de forma particular por cada indivíduo (MITJÁNS MARTÍNEZ, GONZÁLEZ REY, 2017).

Em consonância com as ideias de Vigotski (1998), pode-se analisar nessa conjuntura que é importante perceber as emoções como datadas historicamente e construídas a partir das condições materiais de produção. A pandemia foi um evento histórico que gerou em nível cultural uma distinta e cambiante produção afetiva por parte das pessoas, grupos e até mesmo nações. A depender do indivíduo, do seu lugar, suas condições, suas relações, é importante notar que suas manifestações afetivas, seus comportamentos e reflexões acerca da pandemia podem variar.

Avançando na análise dos dados obtidos, pode-se perceber nas respostas das professoras como essa expressão afetiva relacionada à conjuntura pós-isolamento pandêmico aparece enleada ao **desenvolvimento de reflexões de caráter filosófico e religioso sobre o sentido da vida oriundas deste período.**

É recorrente nas respostas das participantes — como principais aprendizagens pessoais advindas da pandemia — ideias sobre a brevidade da existência humana, a importância das relações com o outro: “[...] devemos aproveitar a vida, o tempo é valioso para desperdiçar” (P1); “[...] a vida é um sopro” (P2); “[...] priorizar os momentos em família” (P3); “[...] ver a todos com mais carinho” (P5).

Percebe-se nessas respostas reflexões filosóficas espontâneas, de nível não acadêmico. Segundo Cupani (2023, p. 1): “Filosofar quer dizer refletir sobre questões fundamentais da vida humana porque quem o faz sente que precisa de uma resposta a essas questões para viver melhor”. A pandemia

trouxe consigo diversas incertezas que precisavam ser processadas pelos indivíduos.

Nas respostas, também se identifica a reverência a um ser superior e sobrenatural: “[...] confio muito em Deus e Ele é que nos livra” (P4); “[...] existe um Deus que está no controle” (P10). Ou seja, há também uma leitura religiosa do momento, presente em algumas repostas das participantes. É muito característico da cultura brasileira e, mais especificamente nordestina, o apego a algum tipo de manifestação religiosa como forma de se relacionar com a vida<sup>5</sup>.

Ao se refletir sobre esse aspecto, percebe-se como a pessoa encontra na sociedade em que vive, em sua cultura, um forte aporte para a construção da sua subjetividade. Vigotski (1995) afirma que é por meio do outro que o indivíduo vai se envolvendo nas atividades sociais. Absolutamente tudo no comportamento dele está fundido, enraizado no social. Logo, é esperado que o indivíduo encontre em suas referências culturais, formas de enfrentamento a um momento tão crítico quanto a pandemia da covid-19. A religião se constitui um desses instrumentos culturais.

A temática referente à saúde detém esse potencial de mobilizar questões filosóficas e/ou religiosas nas pessoas, o que demonstra seu caráter de forte valor emocional para os indivíduos. Também há de se pensar que os cuidados com pessoas enfermas, o medo da própria morte ou da morte dos entes queridos ressaltam a necessidade e importância das relações interpessoais: o “eu” possui um “outro” com o qual mantém uma relação mútua de cuidado e preocupação.

A preocupação com a saúde também se evidenciou nas respostas das professoras quando se reportarem aos protocolos de higiene que deviam ser seguidos no retorno ao modelo educacional presencial, principalmente, pelo caráter das relações existentes com as crianças em nível de Educação Infantil.

---

<sup>5</sup> Pesquisa Datafolha publicada em 2020 pelo jornal "Folha de S. Paulo" aponta que 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos, e 10% não têm religião. No Nordeste, o percentual de católicos era 59% (G1, 2020).

Pela falta de maturidade e autocontrole que caracterizam as crianças em nível de Educação Infantil, assim como pela necessidade de proximidade que muitas apresentam, as professoras se viam angustiadas diante da possibilidade de transmissão do vírus, mesmo seguindo os protocolos sanitários: “[...] receosa pelo risco de contágio” (P1); “[...] a população ainda não foi 100% vacinada” (P2); “[...] o cuidado e o afeto foram deixados um pouco de lado para nos dar segurança” (P6).

Como já foi destacado, a documentação legal orienta que as interações e brincadeiras sejam os eixos fundamentais das práticas pedagógicas na Educação Infantil (BRASIL, 2009, 2018). No contexto do ensino remoto, os desafios para seguir essas orientações foram ingentes e, com o retorno ao modelo presencial, não diminuíram. Além do mais, historicamente tem se delineado a importância de aliar o cuidar e o educar nas instituições de Educação Infantil (OLIVEIRA, 2013). Cuidar e educar envolvem relações entre os indivíduos, contato, partilha de sentimentos e emoções. A pandemia impactou diretamente esses aspectos, especialmente, quando se pensa na educação de crianças. As professoras foram afetadas por essas exigências e pelo que a realidade do momento permitia na substituição da trajetória de práticas pedagógicas realizadas presencialmente.

Logo, foi possível perceber que as professoras viviam **um dilema constante procedente da relação entre o caráter educacional da Educação Infantil e as limitações impostas pela covid-19**, pois entendiam que “[...] a Educação Infantil só acontece de verdade na escola” (P8), “[...] a Educação Infantil é bem mais significativa quando é presencial” (P9). Contudo, apontam para o grande desafio que era:

[...] seguir os protocolos de higiene (P10);  
[...] é impossível que não ocorram contatos próximos ou que as crianças não retirem as máscaras em algum momento (P8);  
[...] restrições que impedem, por exemplo, todas as crianças virem pra escola e interagir como antes (P5).

Reunir as crianças em sala de aula, cuidá-las e educá-las, levando em consideração a importância de interagirem e brincarem, sem promover

aglomerações, evitando os toques e seguindo protocolos de higiene à risca, afetou as professoras, como se pode perceber acima. Era necessário apoio e muito desse apoio teve que vir da família dos estudantes, que também estava fragilizada em suas condições de vida.

A família foi convocada durante a pandemia a acompanhar mais de perto a vida escolar de seus filhos e a cooperar com a escola no retorno ao modelo educacional presencial com os protocolos sanitários. Em meio a essa conjuntura desafiadora, uma interessante percepção foi se desenhando: **as professoras se sentiam mais valorizadas pela família a partir do momento pandêmico**. Seguem trechos de respostas das participantes nesse sentido:

*Reconhecimento do trabalho do professor (P1);  
[...] as famílias passaram a valorizar e dar a devida importância ao trabalho de um professor após essa experiência forçada de ter que ficar com os filhos (P7);  
[...] ninguém substitui um professor, seus conhecimentos e didática (P8).*

Um reconhecimento do trabalho das professoras emerge, então, do caráter injuntivo da pandemia. Não deveria ser apenas nesse cenário que a valorização do trabalho das professoras ocorresse, e os motivos pelos quais ela é nutrida não são os melhores. Foi necessário um evento de caráter devastador para que a família reconhecesse o trabalho do professor. Logo, velhos dilemas sobre a relação escola-família foram reacendidos em meio ao caráter inflamado do retorno ao modelo de educação presencial.

A partir das respostas das professoras, percebe-se que algumas famílias estavam sentindo o peso de passar mais tempo com os filhos e ocupar um espaço maior no processo educativo de suas crianças. Logo, o retorno ao modelo educacional presencial foi uma notícia muito bem recebida pelos familiares dos estudantes, conforme expressou P9: “[...] a verdadeira dimensão da importância do professor, recebemos muitas mensagens de pais que queriam que voltassem às aulas presenciais porque não aguentavam mais”.

Há estudos que defendem um favorecimento da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes quando a família e a escola mantêm boas

relações (POLONIA; DESSEN, 2005). Há uma outra vertente mais cautelosa quanto ao estabelecimento de relações inequívocas entre a implicação familiar e o desempenho escolar (NOGUEIRA, 2006).

Ainda assim, ambas as instituições são responsáveis pela educação das crianças, mesmo detendo funções diferentes, e precisam se responsabilizar pelo seu processo educativo, de modo que a colaboração e o diálogo sejam uma perspectiva de relação adequada, exigindo a criação de condições favoráveis (CUNHA; BARBOSA, 2017). A escola e a família são duas instituições de suma importância para o processo educativo da criança e partilham essa responsabilidade com a sociedade (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, a BNCC Educação Infantil traz a seguinte recomendação:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar (BRASIL, 2018, p. 36).

É possível notar nas respostas da maioria das professoras que a relação entre escola e família está se dando de uma forma satisfatória no retorno ao modelo de educação presencial. Seguem alguns trechos das respostas, demonstrando esse entendimento:

*Muita parceria, interação e cuidados escola e família (P6);  
Excelente. Sempre ocorre troca de feedbacks [...] (P8);  
E o relacionamento entre escola e família está muito bem,  
graças a Deus [...] (P9).*

Apenas duas professoras relataram que essa parceria família e escola poderia estar melhor: “A queixa maior é quanto ao envolvimento delas na vida escolar” (P7); “[...] a participação e frequência muitas vezes deixa a desejar” (P10).

Familiares e professores exercem um papel afetivo muito significativo na vida dos estudantes, ao passo que também são afetados pelas demandas dessa relação. Em vez de uma jornada solitária, familiares e professores podem assumir papéis diferentes para contribuir a um propósito comum: o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Entretanto, há muito se percebem conflitos em relação aos deveres e tarefas de cada uma dessas instituições no que se refere ao processo educativo das crianças. Algumas famílias acreditam que “[...] obrigação de educar meu filho é na escola” (P9).

Quando se trata da Educação Infantil, essa situação ainda é mais espinhosa devido ao caráter de cuidar e educar inerente a essa etapa: jornadas integrais, alimentação, banho, sono, aprendizagem, brincadeiras, relações. As crianças passam um tempo significativo na escola de Educação Infantil e, muitas vezes, em condições mais favoráveis do que as famílias conseguem oferecer. Isso atrai os alunos: “Nossa escola é muito acolhedora e elas sentiam falta” (P1).

Outro aspecto relevante no contexto de isolamento foi o aumento dos relatos de casos de violência contra as crianças, muitas vezes aliados a casos já existentes de negligência. Além desses problemas relacionais, problemas de alimentação, de segurança e de afeto também podem estar presentes em diversas famílias e é na escola que muitas dessas crianças encontram apoio (ALESSANDRA, 2022).

Uma última categoria desenvolvida a partir da análise dos dados foi a **afetividade envolvida no uso das TDIC pelas professoras em sua prática pedagógica**.

O ensino remoto emergencial não apenas direcionou, como obrigou os professores a um maior uso das TDIC durante as aulas — que passaram a ocorrer apenas por meio do virtual. Ademais, quando se retornou ao modelo de educação presencial (especificamente no município campo deste estudo) a primeira etapa se deu por meio do ensino híbrido, ou ensino combinado.

A percepção sobre esta maior demanda pela utilização das TDIC por parte das professoras de Educação Infantil — tanto no ensino remoto, quanto



na primeira etapa de retorno ao ensino presencial (que foi o ensino híbrido) – aparece da seguinte forma nas respostas:

*Como profissionais destaco os desafios que foram superados com as aulas remotas, por exemplo, o manuseio de recursos tecnológicos (P2).*

*[...] fomos capazes de romper barreiras, de se inventar da noite para o dia, de utilizar tecnologias que não tínhamos acesso e conseguimos nos adaptar a uma nova metodologia de ensino (P4).*

*[...] a questão da tecnologia que nós tivemos uma ênfase muito maior, tivemos que aprender muitas coisas que nós não sabíamos, a pandemia nos obrigou a irmos mais para essa área tecnológica (P9).*

*[...] precisamos sempre nos reinventar e nos qualificar dominando as tecnologias como forma de intermediar o ensino e aprendizagem (P10).*

Termos como “desafio”, “barreiras”, “obrigou” e “reinventar” apontam para o caráter afetivo que se configurou no uso das TDIC pelas professoras no contexto da pandemia. Nesse sentido, as respostas das professoras indicam o momento como de superação. Ou seja, foi um momento de desafio e de mobilização profissional.

Além de todas as preocupações referentes a questões sanitárias e de preservação da vida que a covid-19 lançou sobre as professoras, a demanda por uma performance digital também é cobrada. Entram em cena inseguranças referentes à falta de formação para o uso de TDIC em aula, assim como a falta de domínio ou familiaridade com elas.

Ponte (2000) já destacava, há mais de 20 anos, que o processo de apropriação das TDIC, além de ser necessariamente longo, envolvia duas facetas: a tecnológica e a pedagógica. Ademais, acrescenta uma variedade de possibilidades na relação dos professores com a tecnologia:

*Alguns olham-nas com desconfiança, procurando adiar o máximo possível o momento do encontro indesejado. Outros usam-nas na sua vida diária, mas não sabem muito bem como as integrar na sua prática profissional. Outros, ainda, procuram usá-las nas suas aulas sem, contudo, alterar as suas práticas. Uma minoria entusiasta desbrava caminho, explorando*

incessantemente novos produtos e ideias, porém defronta-se com muitas dificuldades como também perplexidades (PONTE, 2000, p. 2).

Independente de qual fosse a relação dos professores com a tecnologia antes da pandemia, eles foram obrigados a lidar com ela repentinamente e sem as condições necessárias. Esse tipo de relação é uma fonte inesgotável das mais variadas expressões afetivas. Ansiedade, insegurança, medo e rejeição são reações muito comuns em situações desconhecidas, mas também podem ser um momento propício a sentimentos de curiosidade, abertura ao novo, enfrentamentos, desenvolvimento e aprendizagem.

Há também de se pensar que, além de toda a carga de trabalho ampliada no período do ERE, com o ensino híbrido as professoras participantes estavam atendendo alunos em salas virtuais e salas presenciais. Uma jornada de trabalho ampliada, um local de trabalho duplicado. Uma situação propícia ao esgotamento e ao cansaço, pois, ao que parece, a forma de trabalho se manteve, mesmo com o fim do ensino remoto.

Importante refletir sobre como o ERE e, posteriormente, o ensino híbrido foram impostos aos professores sem tempo hábil para adaptação, sem formação necessária, sem recursos propícios. Pesquisadores sugeriram que as instituições de ensino deveriam ter utilizado o período de pandemia para se preparar para a nova normalidade, a qual se voltaria em momento posterior (ESTÊVÃO *et al.*, 2021).

Trata-se de uma precarização do trabalho daqueles que tiveram de manter suas funções sem as condições ideais para tal. Mesmo assim, os professores assumiram o desafio de continuar o processo educacional, pagando às vezes um preço emocional e financeiro por isso, como apontam estudos recentes (FERREIRA; SCAICO; DANTAS; 2022; SOUZA; RAMOS, 2023).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os impactos da pandemia sobre a educação continuam sendo uma temática relevante devido ao seu caráter longitudinal. A total dimensão,

compreensão e repercussão desse fenômeno no processo educativo, em todos os níveis e modalidades de ensino, está longe de ser esgotada e exige atenção.

Como resposta ao objetivo proposto pelo trabalho, nota-se que as professoras foram significativamente afetadas pelo retorno ao modelo de educação presencial e demonstravam expressões afetivas diversas, que tinham como pano de fundo diferentes aspectos enleados ao cenário pandêmico.

A partir das categorias elaboradas na análise dos dados obtidos e levando em consideração o objeto de estudo deste trabalho, alguns apontamentos são colocados: necessidade de constante melhoria das condições de trabalho e formação dos professores; criação de uma rede de apoio e atenção à saúde mental dos professores; investimento na ampliação, formação e manutenção do uso das TDIC por parte dos professores; estreitamento da relação entre escola e família por meio de estratégias pedagógicas que promovam esse encontro em âmbito escolar.

A figura docente teve um importante papel na condução do processo educacional em meio à pandemia e estudos como este são uma maneira de garantir que esse profissional possa ter seu trabalho valorizado e recompensado após o retorno deste que foi um dos episódios mais sombrios e nefastos da história da humanidade. Em memória de todas as vidas ceifadas pela covid-19.

## REFERÊNCIAS

ALESSANDRA, K. Pandemia de Covid-19 deixou as crianças mais vulneráveis à violência, dizem especialistas. **Agência Câmara Notícias**. Brasília, 2022.

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/862757-pandemia-de-covid-19-deixou-as-criancas-mais-vulneraveis-a-violencia-dizem-especialistas/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BARROS, F. C.; VIEIRA, D. A. de P. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.7, n.1, p.p. 826-849, jan. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 47. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL. Coronavírus Brasil. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Educ. rev.** Belo Horizonte, n. 44, p 157-175, dez. 2006.

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; STAKER, H. **Ensino Híbrido**: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos. Boston: Clayton Christensen Institute, 2013.

CUNHA, R. C. O. B.; BARBOSA, A. Trabalho coletivo e colaborativo na escola: condições e princípios de trabalho. **Educação Unisinos**. Piracicaba, v. 21, n. 3: p. 306-314, Set – Dez. 2017.

CUPANI, A. **O que é filosofia?** Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia, 2023. Disponível em: <https://lefis.ufsc.br/o-que-e-filosofia/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ESTEVÃO, A. M. R. *et al.* **Projeto do capital para a educação, volume 4**: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente. Brasília, DF: ANDES, 2021.

FERREIRA, W. P.; SCAICO, A.; DANTAS, P. O custo Emocional de Professores Durante um Semestre Remoto na Pandemia: um Estudo de Caso na Universidade Federal da Paraíba. In: Workshop Sobre Educação Em Computação (WEI), 30, p. 416-426. **Anais**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Educação escolar em tempos de pandemia. **Informe nº 01**. São Paulo: FCC, 2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 30 out. 2021.

G1 PORTAL. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GESTRADO/UFMG. **Trabalho docente em tempos de pandemia:** Relatório técnico. 2020. Disponível em: [https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/cnte\\_relatorio\\_da\\_pesquisa\\_covid\\_gestrado\\_v03.pdf](https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v03.pdf). Acesso em: 17 jun. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia E Pedagogos, Para Quê?** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando nas contribuições da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

NOGUEIRA, M. A. Família E Escola Na Contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade.** jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013.

POLONIA, A. da C. P.; DESSEN, M. A. Em Busca De Uma Compreensão Das Relações Entre Família E Escola: Relações Família-Escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005. Volume 9. Número 2.

PONTE, J. P. da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? **Revista Ibero-Americana de Educación.** OEI. N. 24, setembro/dezembro, 2000.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Conhecimento escolar e luta de classes:** a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SILVA, E. H. B. da S.; SILVA NETO, J. G. da; SANTOS, M. C. dos. **Pedagogia Da Pandemia: Reflexões Sobre A Educação Em Tempos De Isolamento Social.**



**Revista Latino-Americana de Estudos Científico** – RELAEC. v. 01, n.04, jul./ago., 2020.

SOUZA, D. da S. R. de; RAMOS, A. S. M. Atitudes afetivas dos docentes em relação ao ensino remoto na pandemia da Covid-19. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**. Sorocaba, SP: v. 25, p. e023007, 2023.

SOUZA, E. P. de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Volume 17, n. 30 jul./dez. 2020.

UNDIME. **Notícia**: Segundo IBGE, 4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet. 2021. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/14-04-2021-13-19-segundo-ibge-43-milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet>. Acesso em: 13 jun. 2022.

VERSIGNASSI, A. Como as estatísticas da Covid explicam o mundo. **Super Interessante**. Edição 425. Março, 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas** (vol. III). Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Théorie des émotions**: étude histórico psychologique. Paris: L'Harmattan, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: Ensaio De Psicologia Comparada. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

Recebido em: 09 de outubro de 2023.

Aprovado em: 12 de outubro de 2023.

Publicado em: 28 de novembro de 2023.

